

A Prática da Leitura nas Bibliotecas Comunitárias na cidade de Fortaleza: modos de fazer ler e formar leitores

Aline Maria Lepick Chamone (UFC)¹,
chamonealine@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho apresenta um recorte da pesquisa em andamento sobre experiências de leitura produzidas no interior de três bibliotecas comunitárias da cidade de Fortaleza, no estado do Ceará, região Nordeste do Brasil. Bibliotecas desse formato são, em geral, locais idealizadas a partir da iniciativa da sociedade civil, costumam localizar-se mais nas periferias dos centros urbanos e mobilizam-se pelo acesso aos livros e mediações de leitura. A pesquisa consiste em pensar as bibliotecas comunitárias como locais que produzem experiências de leitura em contextos nos quais haveria a priori uma ausência de aparelhos culturais. Assim, tais espaços revelariam uma presença ativa da prática leitora diante da possível falta. Os resultados apresentados concentram-se, sobretudo, no que foi colhido durante a observação prolongada realizada nas bibliotecas: Cabinhas Leitores, Livro Livre Curió e Sabiá. A análise do material recolhido em campo foi feita a partir da perspectiva da leitura enquanto uma prática cultural complexa, com diversas facetas. Junto aos resultados parciais do trabalho empírico, há um breve diálogo teórico com referenciais que sustentam a análise sobre a prática leitora historicamente construída e realizada no espaço social. As bibliotecas comunitárias configuram-se como locais nos quais há uma presença da leitura e uma valorização simbólica de tal prática. Sendo assim, esses espaços parecem apresentar possibilidades para modos de fazer ler e de formação de leitores justamente em territórios nos quais, a priori, há uma falta de aparelhos culturais públicos ou privados. Assim, as bibliotecas comunitárias apresentam-se como lugares nos quais pode-se depreender significados relacionados à mobilização em torno dos livros e seu acesso, à valorização da prática leitora e criação de aparelhos culturais por meio da iniciativa civil diante da possível ausência estatal.

Palavras-chave: Leitura. Biblioteca Comunitária. Prática Cultural. Livros.

1 INTRODUÇÃO

¹ Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6793340000452023>

A leitura como uma prática cultural complexa (Jouve, 2002), interligada aos âmbitos da cultura e da educação, é também uma questão no contexto brasileiro. Os baixos índices de leitura², os baixos números na avaliação do Pisa³ e os números do alfabetismo funcional⁴ parecem mostrar o cenário de um país que sempre aquém de um desenvolvimento desejado. A falta da leitura parece fazer parte da configuração histórica da maior parte do país. Nesse sentido, qual é o significado da criação de bibliotecas comunitárias em bairros periféricos dos espaços urbanos? O que se busca nesses locais? O que mobiliza esses agentes?

O que se apresentou no cotidiano das atividades das bibliotecas é uma mobilização pela leitura e pelos livros. Um trabalho minucioso em torno de uma prática que é múltipla. Desde a preparação do espaço à separação dos livros, constrói-se um ambiente que busca estimular o ato de ler. As três localidades apresentam um fio condutor que vai além da nomeação usual de biblioteca. Parece haver um conjunto de práticas que mais ou menos se repetem nos três espaços. Exemplos são os formatos de roda de leitura e saídas culturais.

Ao adentrar os espaços dessas bibliotecas, habita-se locais que apresentam um cenário distinto ao da realidade dos baixos índices de leitura encontrados em pesquisas no Brasil. Neles há livros e leituras, crianças, jovens e adultos que se encontram para ler em roda, discutir, partilhar uma experiência em comum. Os caminhos da leitura nesses espaços costumam tomar o formato de uma roda, local onde se dá acontecimento das mediações de leitura quase sempre. Elas estão inseridas nos bairros, sobretudo, em contextos teoricamente mais adversos, bairros distantes do centro urbano de uma grande cidade, nos quais há pouca oferta de espaços culturais como museus, bibliotecas públicas etc. Utilizam uma diversidade de instrumentos junto aos

² A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, aponta em sua última versão (2024) que o número de não-leitores superou o número de leitores no país (53% não leitores e 47% leitores). Sendo que o leitor: “é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro de qualquer gênero, impresso ou digital, nos últimos 3 meses.” Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf. Acesso em 24/01/2026.

³ O PISA (avaliação internacional que mede o desempenho em Leitura, Matemática e Ciências) de 2022 mostra o Brasil com um nível de leitura abaixo da média OCDE. Este resultado mantém-se praticamente o mesmo da edição anterior do ano de 2018. Disponível em: https://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2022/pisa_2022_brazil_prt.pdf

⁴ O Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF), que mede o alfabetismo funcional da população de 15 a 64 anos no Brasil, mostra que há cerca de 40 milhões de pessoas dessas faixas etárias (29%) que seriam consideradas analfabetos funcionais. Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br/>.

seus frequentadores: empréstimos de livros, festas, saídas culturais, encontros, aulas etc. São locais com uma intensa e frequente oferta de atividades.

2 METODOLOGIA

A perspectiva deste trabalho é predominantemente qualitativa, levando em consideração que para pensar as práticas de leitura, pode ser importante recolher dados que informem sobre a experiência do leitor. Entendendo que a pesquisa qualitativa opera “com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.” (Minayo, 2007, p.21). Esses aspectos parecem constituir uma possibilidade pertinente ao tema da prática leitora, uma vez que – como aponta Lahire (2004) – as pesquisas sobre a porcentagem de leitores acabam por reduzir os tipos de leitores à aspectos quantitativos e, todavia, as experiências diferenciam-se de acordo com as condições (objetivas e subjetivas) dos leitores. Dessa forma, privilegiou-se ir à campo e observar o funcionamento das rodas de leitura das bibliotecas comunitárias escolhidas para a pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Há exigências que envolvem o ato de ler e tornar-se leitor. Em *O Processo Civilizador*, Elias vai encontrar na sociedade de corte um exemplo claro da mudança comportamental de uma sociedade na qual “a espada fora substituída pela intriga e por conflitos nos quais as carreiras e o sucesso social eram perseguidos por meio de palavras” (1993, p.214). A vivência na sociedade de corte exigia do indivíduo um afinamento das emoções, da conduta, do comportamento. Ao tratar da relação com os livros, Elias vai apontar que aumento da demanda de livros é um indicador civilizatório em uma sociedade.

O hábito, a prática leitora estão delineados por fatores sócio-históricos que necessitam ser considerados para que se possa ter um olhar mais substancial sobre o tema da leitura. Os lugares da leitura e as formas de ler se modificaram e continuarão se transformando. Há entretanto, aquilo que permanece: o próprio ato em si, ler.

Chartier (2011) em diálogo com Bourdieu aponta que a história da leitura pode ser um modo de objetivar a nossa relação com o ato de ler. As formas de ler não foram sempre as

mesmas e de certo não serão. Compreender que a leitura possui uma história e modos de ler que se alteraram ao longo do tempo nos diferentes contextos traz uma dimensão menos formatada do ato. Ler era uma habilidade oral (Manguel, 2004), feita em voz alta nos tempos antigos. O desenvolvimento da leitura silenciosa teria sido um fator imprescindível para a formação da subjetividade moderna ocidental, como pontua Chartier (2009, p.128): “Essa ‘privatização’ da leitura é incontestavelmente uma das principais evoluções da modernidade.” A sociedade moderna como palco de uma série de transformações materiais e subjetivas, também é o local no qual a leitura foi se desenvolvendo e se difundindo até a modalidade mais contemporânea com o uso de telas digitais na qual os leitores são internautas (Canclini, 2008).

Os frequentadores da biblioteca comunitárias precisam se autocontrolar, fazer silêncio, ouvir o outro contar aquilo que leu. Há condições para fazer parte daquele espaço. As crianças são convidadas a retirar os livros e ler, não há necessariamente uma obrigação, mas há um certo pacto de que para estar ali é preciso topar as propostas, participar das atividades, comportar-se de acordo com o esperado. As bibliotecas são espaços coletivos com regras e combinados.

Nas bibliotecas há formas diversas de ler. As mediações nas bibliotecas possuem uma intencionalidade de formação. As estratégias podem ser diversas (há uma variedade de atividades que envolvem o ler nas propostas das rodas). Apresenta-se a leitura. Não foi possível notar naqueles lugares cenas de indisciplina ou desrespeito que pudesse gerar alguma necessidade de sanção. Quando a conversa aumenta, pede-se silêncio e atenção, mas não há algo que ultrapasse o pedido, ao menos durante a observação.

Ao que parece, as crianças e adolescentes estão ali acostumando-se com os livros e com as leituras através da frequência e incentivo que esses espaços comunitários propiciam. Condiz com a noção de que ler não é um processo mecânico e não se esgota em uma aptidão ou capacidade. É algo que envolve aprendizagem, contexto, prática e outros fatores para que ocorra a aquisição de capital cultural e formação de habitus como nos mostra a teoria de Pierre Bourdieu. Na ordem de uma dimensão simbólica, um capital cultural demanda tempo para ser adquirido, como assinala Bourdieu: “O capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez no corpo e tornou-se parte integrante da ‘pessoa’, um habitus.” (Bourdieu, 2017, p.83). O habitus se inscreve no corpo, ele é resultado “da incorporação sob forma de uma disposição quase natural (...)” (Bourdieu, 2001, p.205). Manipular um objeto de cultura e colocar-se a ler é uma operação corporal que demanda conhecimento, habilidade e

desejo. A leitura envolve espacialidade para acontecer, é algo que se faz com o corpo e envolve incorporação

Em uma das rodas de leitura da Biblioteca Cabinhas Leitores, um menino de aproximadamente 8 anos observa a colega de 6 anos contar uma história que ela mesma havia criado. A menina costuma contar histórias com desenhos que ela faz e a partir deles cria breves narrativas.

Assim, ao final de uma narração com começo, meio e fim da pequena, o menino diz: “Ela já tem a palavra na mente, ela está no caminho da leitura, por isso pode criar um livro”⁵. A observação do garoto traz uma ideia de que a leitura é um ato que possibilita criação. Muito embora seja uma atividade que envolve aquietamento e certo controle, a leitura, indica o contrário da passividade. Há operosidade e energia no ato de ler. Certeau (2023) vai pensá-la como uma atividade de “caça” que inclusive, modifica a literatura. Isto porque há uma produção realizada pelo leitor ao ler um texto, muito embora não se confunda com o lugar que cabe ao autor. Uma operação que vem do enriquecimento da tradição oral na memória, com produção de sentidos. Não é um simples decodificar de palavras. A leitura está entremeada por um fazer, “uma arte que se transmite mais do que se ensina” (Petit, 2009, p.22).

Algo se transmite nos encontros coletivos de roda de leitura, ao menos, modos de ler e processo de habituar-se e acostumar-se com a prática e com os objetos de leitura, sobretudo os livros. Entretanto, as bibliotecas comunitárias mostram uma leitura que não só se disponibiliza pelo objeto livro. A ideia principal que se tem de biblioteca é a de um espaço que dá acesso aos livros. Não há só o acesso, há a ação de formar, a transmissão. Nesse sentido, parece haver um âmbito educativo e formativo no trabalho das bibliotecas, assim como uma proposta de estabelecer trocas intermediadas pela palavra literária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bibliotecas comunitárias guardam similaridades com o que são bibliotecas em uma concepção conhecida: há um acervo de livros, prateleiras, livros catalogados e separados em categorias etc. Todavia, além das especificidades já citadas acima em relação ao território,

⁵ Caderno de Campo da Autora – 12/06/2024

assim como, gestão civil e trabalho majoritariamente voluntário, há um modo de funcionamento que amplia a noção de biblioteca como um espaço no qual se pode retirar livros ou sentar-se para ler. Não há só uma presença de livros, há uma presença de pessoas que atuam como mediadoras e formadoras de leitores. Essas pessoas realizam uma iniciação na prática do ler, com gestos, apresentação de livros, ampliação de repertório de modo ativo e dinâmico.

REFERÊNCIAS

AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional** – INAF Brasil, 2024.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A Leitura: Uma Prática Cultural. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (organizadores). Petropolis, RJ: Vozes, 2017.

_____. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand, 2001.

CANCLINI, Néstor. **Leitores, Espectadores e Internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CERTEAU, Michel de. Ler: uma operação de caça. In: **A Invenção do Cotidiano Vol 1: Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. As Práticas de Escrita. In: **História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes**. Organização Roger Chartier. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador 2: Formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2024.

JOUBE, Vicent. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.

LAHIRE, Bernard. **Sociología de la lectura**. Madrid: Gedisa, 2004.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** / Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). Petrópolis, RJ : Vozes, 2007.